



## **Soteriologia protestante, diálogo inter-religioso e intercultural à luz da Epístola aos Hebreus**

*Isaac Malheiros\**

### **Resumo**

*Solus Christus* é um dos lemas da Reforma Protestante, e reflete a crença de que Cristo é o único mediador entre Deus e a humanidade e de que não há salvação através de nenhum outro. Os protestantes se apoiam em muitos versículos da Epístola aos Hebreus para afirmarem essa doutrina. No entanto, a ênfase da Epístola aos Hebreus nos peregrinos, estrangeiros e na hospitalidade, a sua exposição da perseguição religiosa sofrida pelos primeiros cristãos, e o pedido “esforcem-se para viver em paz com todos” (Hb 12.14) também apontam para a tolerância e o inclusivismo. O objetivo deste artigo é avaliar a tensão entre a exclusividade soteriológica e o caráter tolerante e inclusivo exigido dos cristãos na Epístola aos Hebreus. Será uma pesquisa exegética e bibliográfica, que, ao final, sugerirá o conceito de “exclusivismo aberto”, de Brakemeier, como um modelo alternativo bem ajustado à mensagem de Hebreus, que não abre mão nem da verdade do Evangelho nem do compromisso com a paz.

**Palavras-chave:** Soteriologia protestante; Diálogo inter-religioso; Epístola aos Hebreus

### **Introdução**

*Solus Christus* é um dos lemas da Reforma Protestante, significa *somente Cristo*, afirma a suficiência de Cristo para a salvação, e reflete a crença de que Cristo é o único mediador entre Deus e a humanidade e de que não há salvação através de nenhum outro.

O aspecto exclusivista de *solus Christus* está exposto em textos como “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6) e “E não há salvação em nenhum outro, porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome que possamos invocar para sermos salvos” (At 4.12).

De acordo com *Solus Christus*, para ser salvo, é necessário crer em Jesus como Senhor e confessá-lo (At 16.30-31; Rm 10.9), é preciso “converter-se a Deus com arrependimento e fé em nosso Senhor Jesus” (At 20.21), e é afirmada a singularidade de Jesus como único “Mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2.5). Nesse sentido, Hebreus apresenta Cristo como o sacerdote perfeito (7.20-28), o sumo sacerdote eterno, que vive sempre para interceder por seu povo (7.25).

---

\* Mestre e doutorando em Teologia (Faculdades EST, São Leopoldo, RS), professor de teologia no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia (SALT-IAP, Ivatuba, PR), bolsista da CAPES, e-mail: <pr\_isaac@yahoo.com>.



Hebreus estabelece objetivamente que Jesus é a máxima revelação de Deus, “[...] o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser” (Hb 1.3). E que a revelação divina vai progressivamente se aperfeiçoando até atingir sua plenitude na palavra de Jesus Cristo: “Havendo Deus, outrora, falado, *muitas vezes e de muitas maneiras*, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, *nos falou pelo Filho*, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (Hb 1.1-2, ênfase acrescentada).

Quando é levantada a questão da salvação dos não evangelizados, vem à tona os aspectos soteriológicos do lema protestante *Solus Christus*. De maneira geral e simplificada, durante o primeiro milênio da era cristã prevaleceu o conceito de que não havia salvação fora da Igreja (*extra Ecclesiam nulla salus*) (RODRIGUEZ, 2011, p. 326). Essa parece ter sido a posição predominante no catolicismo até o Concílio Vaticano II (WONG, 1994, p. 611).

No debate em torno dessa questão, normalmente são sugeridos três modelos soteriológicos: o exclusivismo, o inclusivismo e o pluralismo. O *Exclusivismo* defende que só Jesus leva a Deus, ele é o único salvador (*solus Christus*), e é preciso conhecê-lo e ter fé nele para ser salvo. No *Inclusivismo*, Cristo continua sendo o único salvador, mas outras religiões também podem levar a Deus, por meio de Jesus (ainda que de maneira oculta). O conhecimento de Cristo não é condição *sine qua non* para a salvação, e Cristo age também fora da cristandade. O *Pluralismo* afirma que todas as religiões são igualmente válidas, e existem vários caminhos que levam a Deus, através de vários salvadores (D’ACOSTA, 1993, p. 411-416).

A questão fundamental deste artigo é soteriológica: em Hebreus, existe uma maneira de os não cristãos alcançarem a salvação? Há algum tipo de inclusivismo ou pluralismo em Hebreus? E é possível extrair alguma mensagem de tolerância e diálogo religioso e cultural da epístola? Este artigo tentará, por meio de uma pesquisa bibliográfica e exegética, responder essas perguntas.

Este artigo fará uma opção metodológica a favor da pressuposição de que os destinatários da mensagem de Hebreus é um grupo de ex-praticantes do judaísmo que se tornaram cristãos (ELLINGWORTH, 1993, p. 21-22, 26). Segundo Black, os escritos da igreja primitiva geralmente aplicavam o título “Hebreus” aos judeus-cristãos do primeiro século (1961, p. 78). Para o autor de Hebreus, e para a mentalidade cristã, Jesus é a revelação



direta da Divindade (Hb 1.3), e rejeitar a Cristo é rejeitar a Deus (2 Jo 7-9) (ELLINGWORTH, 1993, p. 24; DAHMS, 1977, p. 365).

### **Exclusivismo, inclusivismo e pluralismo à luz de Hebreus**

Entre os protestantes, há aqueles que mantêm a tradicional posição exclusivista, mas também existem aqueles que defendem algum tipo de inclusivismo (ou pelo menos um exclusivismo moderado). Refletindo sobre a probabilidade de salvação dos pagãos que nunca ouviram falar de Cristo, C. S. Lewis (1970, p. 110) disse: “Se as intenções deles foram boas como suponho que foram, espero e acredito que a habilidade e a misericórdia de Deus remediará os males que a ignorância deles, deixada a si mesma, naturalmente produziria”.

Lewis, em *A última batalha*, sugere metaforicamente que algumas pessoas servem a Aslam (Jesus) sem saber. O personagem Emeth, mesmo sendo um devoto de Tash, entra no país de Aslam, e ouve o leão dizer:

“Filho, sê bem-vindo!” Mas eu repliquei: “Ai de mim, Senhor! Não sou filho teu, mas, sim, um servo de Tash!” “Criança”, continuou ele, “todo o serviço que tens prestado a Tash, eu o considero como serviço prestado a mim.” [...] Portanto, se qualquer homem jurar em nome de Tash e guardar o juramento por amor a sua palavra, na verdade jurou em meu nome, mesmo sem saber, e eu é que o recompensarei” (LEWIS, 2009, p. 727).

Uma das mais influentes (e controversas) fontes a favor do inclusivismo no meio evangélico foi Clark Pinnock, segundo o qual, “responder à revelação pré-missionária pode fazer [não-cristãos] corretos com Deus” (PINNOCK, 1992, p. 22). Ele cita Hb 11.6 para embasar o argumento de que “as pessoas são salvas pela fé, não primariamente pelo conhecimento [de Cristo]” (PINNOCK, 1992, p. 111).

Citando Abel, Enoque, Melquisedeque, Abraão, Moisés, Cornélio e outros como exemplos daqueles que foram salvos pela fé sem o conhecimento explícito sobre Cristo, Pinnock (1992, p. 158-168) argumenta que aqueles que ainda não ouviram falar de Cristo hoje podem ser salvos da mesma maneira. Para ele: “Não há salvação exceto através de Cristo, mas não é necessário que todos possuam um conhecimento consciente de Cristo a fim de beneficiar-se da redenção por meio dele” (PINNOCK, 1992, p. 75).

De fato, a mensagem de Hebreus não exclui necessariamente a possibilidade de salvação para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de ouvir sobre Jesus e conhecê-lo, mas apenas confirma que, se essas pessoas forem salvas, será somente por meio do sacrifício



e da intercessão de Cristo por elas. Mas, como essas pessoas poderiam se apropriar dos benefícios do sangue de Cristo sem nunca terem ouvido falar nele?

Em geral, os inclusivistas, como Pinnock, apontam para Melquisedeque e para a galeria dos heróis da fé de Hebreus 11, pessoas que não tinham conhecimento específico sobre Jesus, mas pela fé foram fiéis a Deus e considerados justos (Gl 3.6). Segundo Strong (1907, p. 842-843), “tal fé, mesmo entre os patriarcas e pagãos, é implicitamente uma fé em Cristo, e se tornaria confiança e submissão explícitas e conscientes, sempre que Cristo lhes fosse revelado.

O fato é que Hebreus não faz nenhuma declaração clara sobre a possibilidade ou impossibilidade de salvação para aqueles que nunca ouviram falar de Jesus. Além disso, o Novo Testamento não descreve os patriarcas como pessoas totalmente ignorantes a respeito de Cristo (cf. Jo 8.56, que afirma que Abraão viu o dia de Cristo e “alegrou-se”). Assim, o argumento do silêncio não seria tão forte, quer seja usado por exclusivistas ou inclusivistas (CHRISTIAN, 1999, p. 456).

No entanto, em geral, Hebreus parece refletir o exclusivismo de outros textos do Novo Testamento. O autor de Hebreus abre seu livro apresentando provas a respeito da plena divindade (1:1-3, 5-14; 2.14-18) e a plena humanidade de Jesus (2:6-26), aponta à sua vida santa, sem pecado (4.15; 7.23-28; 9.13-14), e afirma que ele morreu no lugar dos pecadores (9.28). Em Hebreus, os salvos fazem parte de um grupo que se beneficia do sacrifício e da intercessão de Jesus, que “pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (7.25). Assim, a epístola reflete o conceito exclusivista de outros textos do Novo Testamento que também dividem a humanidade em dois grupos: os salvos (os que creem; Jo 3.16) e os perdidos (os que não creem; Jo 3.18).

No Antigo Testamento, Deus escolhe Abraão para, através dele, abençoar as nações (Gn 12.1-3). O objetivo final de Deus era universalizar a bênção, mas o meio usado para isso era particular e exclusivo. O Messias prometido também singulariza o meio de salvação, ainda que essa salvação esteja disponível a todos.

No entanto, existem outros dados bíblicos que devem ser levados em conta. Por exemplo, o fato de Jó e Melquisedeque não serem israelitas, mas serem servos de Deus (Jó 1.8; Gn 14.17-24) levanta a hipótese de que Deus agia fora da linhagem de Abraão. Deus se comunicou em sonho com Abimeleque, rei de Gerar (Gn 20.1-3), com o faraó no tempo de



José (Gn 41.25-28), com Nabucodonosor (Dn 2.1), fez revelações a Balaão (Nm 22.9; 23.11; 24.2-4) e ao faraó Neco (2Cr 35.20-22).

Sem dúvidas, Deus fala aos pagãos. Alguns teólogos asiáticos, como Raymond Pannikar (1971a, p. 118, 121-122; 1971b, p. 212-237; 1992, p. 3-21), da Índia, vão mais longe e dizem que Cristo *já está presente* nas religiões não-cristãs, embora “escondido” e não reconhecido.

Detalhes doutrinários, porém, podem tornar a mensagem de Hebreus menos pluralista. Em Hebreus, por exemplo, a oportunidade de salvação se dá no transcurso da vida (Hb 9.27-28), o que dificultaria um sincretismo com as religiões que ensinam algum tipo de salvação disponível após a morte.

Em Hebreus, a salvação pode ser negligenciada, e a condenação é uma possibilidade real para os que a negligenciam: “como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram” (Hb 2.3).

Jesus é chamado de “Autor [ἀρχηγός] da salvação” (2.10; 5.9). Ele se ofereceu “uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação” (Hb 9.28). Dessa forma, Hebreus aponta para a singularidade de Jesus como o salvador, e definitivamente não aponta para um tipo de universalismo (no qual todos finalmente serão salvos).

Hebreus proclama a expiação universal de Cristo, ao afirmar que ele provou “a morte por todos” (Hb 2.9 ARC). Por outro lado, Noé com a sua arca “condenou o mundo” (Hb 11.7). Temos portanto, em Hebreus, salvação e condenação como possibilidade para todos.

### **A antiga aliança e o “fator Melquisedeque”**

Em Hebreus, destaca-se a figura misteriosa de Melquisedeque, um exemplo de alguém que não é da linhagem de Abraão e responde à revelação pré-messiânica. A figura de Melquisedeque é importante nessa discussão, pois muitos inclusivistas se apoiam nele. Pinnock (1995, p. 109), por exemplo, afirma que a história do encontro de Melquisede com Abrão “mostra que Deus estava trabalhando na esfera religiosa da cultura cananéia”. Além de mostrar que há crentes em outras nações, esse episódio também mostra que há contribuições positivas a serem apreciadas da religião e cultura cananeia (PINNOCK, 1992, p. 26).



Alguns autores acham que Melquisedeque é um “sacerdote pagão” (CLENDENIN, 1995, p. 133), que conheceu a Deus à parte da revelação dada através da linhagem de Abraão, e adorava a Deus “sob o nome de uma divindade cananeia” (McDERMOTT, 2000, p. 78).

Don Richardson atribui tanta importância à figura de Melquisedeque que denomina o fenômeno da revelação divina fora do círculo judaico-cristão de “fator Melquisedeque” (RICHARDSON, 2008). Para Richardson (1981), Melquisedeque “adora o mesmo Deus que Abraão”.

Abraão não era cristão, viveu séculos antes de Cristo, e nunca foi batizado, mas foi justificado pela fé (Rm 4.5, 17; Gl 3.6). Ele e outros ancestrais do antigo Israel demonstraram verdadeira fé (Hb 11). Por esse prisma, em Hebreus, a fé salvífica é um fenômeno não restrito ao cristianismo. Jesus elogiou a fé do *centurião romano*, um pagão (Mt 8.10), e a fé de uma *mulher sirofenícia* (Mt 15.28) e de um *samaritano* curado da lepra (Lc 17.19) foi considerada superior à fé encontrada entre o povo eleito.

Essa compreensão é de especial interesse quando cristãos interpretam religiões monoteístas, como o judaísmo e o islamismo. De alguma forma, há um tipo de *continuidade* entre as crenças judaica e cristã (DOUKHAN, 2002; DOUKHAN 2004), e o monoteísmo islâmico é reconhecido por alguns estudiosos como uma estrutura semelhante ao Antigo Testamento, na qual seria possível o genuíno crescimento espiritual até chegar a Jesus Cristo (WHITEHOUSE, 1998; WHITEHOUSE, 2006). Nas palavras de Braaten (1990, p. 551): “Se os apóstolos e os pais da Igreja puderam encontrar antecipações de Cristo no Antigo Testamento, temos o direito de esperar coisa semelhante nos textos e tradições de outras religiões”. Mas é importante destacar aqui o fato de que o judaísmo é pré-cristão, enquanto o islamismo é pós-cristão, e isso parece fazer diferença na argumentação de Hebreus (que sempre aponta para uma revelação pré-cristã que precisa chegar ao seu auge na dispensação cristã).

Hebreus reconhece que Deus, em sua soberania, revelou-se a homens e mulheres através de uma variedade de meios. No entanto, isso não significa que tais homens e mulheres foram salvos à parte da posterior revelação de Jesus e sua obra, pois “todos estes morreram na fé, *sem ter obtido as promessas [...]*” (Hb 11.13), “[...] *não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados*” (Hb 11.39-40).



A antiga aliança era inferior, defeituosa, antiquada e prestes a desaparecer (Hb 8.6-13). Hebreus tem uma visão negativa dos sacrifícios do Antigo Testamento. Eles eram ineficazes em si mesmos:

[...] *não pode nunca*, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem de ano em ano, *aperfeiçoar os que se chegam a Deus*. [...] *porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire pecados*. [...] Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, *que nunca podem tirar pecados* (Hb 10:1-4, 11-12, ênfase acrescentada).

Dessa forma, a religião do Antigo Testamento só levava à salvação à medida que apontava pedagogicamente, e de maneira prefigurada, para o sacrifício perfeito de Jesus: “mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à direita de Deus [...]. Pois com uma só oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados” (Hb 10.12-14). Nesse sentido, a religião pré-messiânica da antiga aliança não oferecia uma salvação sem Cristo. Os que exerceram a fé durante o período pré-messiânico, “[...] *não obtiveram, contudo, a concretização da promessa*” (Hb 11.39-40).

### **A “paz com todos” e o pluralismo cultural**

Hebreus ordena: “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14). A instrução diz literalmente, “*perseguem a paz*”, ou “*corram atrás da paz*”, uma postura ativa em busca da paz (Hb 12.14). A expressão sugere mais que um pacifismo passivo, ou a não belicosidade desde que não desafiado, mas buscar ativamente a harmonia, o entendimento, sem violência. É a busca da paz oposta à espada (Mt 10.34), oposta à divisão e à desunião (Lc 12.51). A única perseguição promovida por cristãos em Hebreus é a busca da paz. A “paz com todos” deve ser uma obsessão cristã, e o diálogo inter-religioso é um instrumento para assegurar a paz. Hans Küng (1992, p. 103) alerta que não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões.

Aqui surge um dilema: muitos estudiosos pensam que o exclusivismo cristão (*solus Christus*) dificulta o entendimento entre as religiões. Buscam uma teologia *pluralista* das religiões. Será que existe alguma via alternativa que não abre mão nem da verdade do Evangelho nem do compromisso com a paz? Brakemeier, (2002, p. 29-30, 39-40) destaca o risco desorientador do pluralismo, e propõe um modelo chamado “exclusivismo aberto”, que pode assegurar tanto o compromisso com a verdade quanto a construção da paz religiosa.

Hebreus 11 pode contribuir nessa direção, ao colocar a fé salvadora para além do círculo declaradamente cristão e também “desnacionalizar” os heróis nacionais: eles viveram



“confessando que eram *estrangeiros* [ξένοι] e *peregrinos* [παρεπίδημος] sobre a terra” (11.13) Os herois são descritos como peregrinos mesmo na terra da promessa, habitando em tendas (caráter temporário) como se estivessem em terra estranha. Mesmo na terra prometida, eles continuaram “procurando uma pátria” (11.14), “andaram peregrinos” (11.37).

Abraão esperava “a cidade que tem alicerces, cujo arquiteto e edificador é Deus” (Hb 11:10). Os patriarcas esperavam “uma pátria melhor, isto é, a pátria celestial”, e Deus “preparou-lhes uma cidade” (Hb 11:16). A permanência ali era temporária (mesmo que durasse séculos), mas a fé era permanente, e projetava-se para além de um pedaço de terra. Ao se desprender da identidade nacional, Hebreus cria uma linhagem aberta aos fieis em geral (BEALE; CARSON, 2014, p. 1207-1208.).

Por um lado, Hebreus favorece o pluralismo *cultural* e o inclusivismo *religioso* por destruir pretensões absolutas de instituições e valores nacionais, étnicos ou sociais. Por outro lado, refletindo o exclusivismo, a mensagem de Hebreus não encoraja a aceitação do judaísmo (e, por analogia, de todas as outras religiões do mundo) como tendo genuíno valor salvífico, e se esforça para persuadir as pessoas a mudar de uma religião para outra (da antiga religião judaica para o novo movimento de Jesus). Em outras palavras, Hebreus não tenta apenas afirmar as pessoas em sua própria religião, fazendo dos judeus apenas melhores judeus, mas oferece um novo caminho.

Em Hebreus, está explícita a universalidade do propósito salvífico divino, pois Deus não é um Deus particular, mas universal. Porém, essa universalidade, passa por Jesus Cristo, seu sacrifício e ministério sacerdotal. Em Hebreus, a salvação é vista de maneira *crístocêntrica*, o que é mais específico que *teocêntrica*.

Hebreus proclama a singularidade de Jesus como a esperança do mundo. A mensagem de Hebreus nunca sugere que tudo o que seus destinatários têm de fazer é viver suas próprias antigas religiões de maneira mais significativa em busca de uma experiência mais profunda; pelo contrário, a comunidade é desafiada a não voltar às antigas práticas e crenças e buscar a salvação, conservando a confissão de fé em Cristo (Hb 3.1, 6, 14; 4.14; 10.23). Segundo o autor, eles já deveriam “ser mestres, atendendo ao tempo decorrido”, e ele reclama do fato de eles terem, “novamente, necessidade de alguém que vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus” (Hb 5.12). Em Hebreus, a comunidade é





exortada a permanecer fiel (Hb 2.1-4), a buscar o amadurecimento, a experiência (Hb 6.1-9), e a não abandonarem a congregação (Hb 10.24-25).

O seguimento de Cristo (ao que chamamos de *cristianismo*) é apresentado em Hebreus como algo novo, uma comunidade de fé que não se restringia a marcadores culturais e étnicos regulares (“não há judeu nem grego”, Gl 3.28), mas que pregava uma unidade não baseada em etnia, localidade ou cultura, e sim centralizada em Cristo e numa esperança escatológica: “não temos aqui nenhuma cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” (Hb 13.14), a “Jerusalém celestial, a cidade do Deus vivo” (Hb 12.22).

### O “exclusivismo aberto” e os deveres sociais

Hebreus elenca uma série de deveres sociais para os membros da comunidade de fé. Esses deveres apontam para o cuidado mútuo: “Consideremo-nos [κατανοέω] também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hb 10.24). O verbo κατανοέω tem o sentido de perceber, olhar, contemplar. É mais que apenas uma ação intelectual, mais que um discurso. Posteriormente, o autor de Hebreus repete a ordem: “Não negligencieis, igualmente, a prática do bem e a mútua cooperação; pois, com tais sacrifícios, Deus se compraz” (Hb 13.16).

O autor de Hebreus relembra a perseguição, muito provavelmente, de caráter religioso e fiscal (CAHNMAN, 2004, p. 15; BROWN; MEIER, 1982, p. 95; GOODMAN, 1999, p. 31.) sofrida pelos cristãos:

Lembrai-vos, porém, dos dias anteriores, em que, depois de iluminados, *sustentastes grande luta e sofrimentos*; ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos co-participantes com aqueles que desse modo foram tratados. Porque não somente *vos compadecesteis dos encarcerados*, como também aceitastes com alegria *o espólio dos vossos bens*, tendo ciência de possuídes vós mesmos patrimônio superior e durável (Hb 10.32-34, ênfase acrescentada).

A menção ao cuidado dos encarcerados e ao espólio dos bens mostra que a comunidade cristã era vítima de perseguição religiosa, mas, ao mesmo tempo, ministrava às necessidades de outras vítimas de perseguição, numa demonstração de simpatia/empatia. Mais adiante, o autor de Hebreus ordena: “Lembrai-vos dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fôsseis os maltratados” (Hb 13.3).

O tipo de comunidade que o autor de Hebreus quer moldar é uma onde “seja constante o amor fraternal [φιλαδελφία]” (13.1), e onde a hospitalidade (φιλοξενία) seja radicalmente



praticada (13.2). O amor fraternal traduz-se na prática da beneficência e da mútua cooperação (κοινωνία, contribuição, generosidade, partilha) (Hb 13.16). A palavra φιλοξενία significa, literalmente, *amor ao estrangeiro*, o que combina muito bem com o retrato supra-nacional da comunidade de fé que o autor de Hebreus pintou anteriormente. O cristianismo, de acordo com Hebreus, deve ser uma religião de portas abertas. E esse amor ao estrangeiro tem um caráter intercultural e inter-religioso interessante: “[...] pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos” (Hb 13.2). O estrangeiro, o outro, o diferente, pode sim ser um anjo.

Assim, Hebreus incentiva a abertura cultural, o engajamento na luta contra a perseguição religiosa e seus efeitos, e o acolhimento do estrangeiro, mas sem falsas expectativas de transformar o velho homem à parte da graça de Deus, pois a salvação vem por meio de Cristo (Hb 5.9; 7.25; 9.28).

Apesar de fazerem parte de uma religião ilegal, um grupo à margem da lei, os primeiros cristãos contavam “com a simpatia de todo o povo” (At 2.47), segundo testemunhos dos primeiros séculos. A lealdade radical à revelação de Jesus Cristo não era impedimento para o relacionamento com os “pagãos” – eles viviam um *exclusivismo aberto*. A *Carta de 'Mathetes' a Diogneto* - uma carta anônima do século II - responde à curiosidade de um pagão chamado Diogneto a respeito do crescimento do cristianismo no Império Romano:

Eles passam seus dias na terra, mas são cidadãos do céu. Obedecem às leis estabelecidas, e ao mesmo tempo vão além das leis em suas vidas. Eles são difamados, e ainda assim são justificados; eles são injuriados, e abençoam; eles são insultados, e retribuem o insulto com respeito; eles fazem o bem, mas são punidos como malfeitores. Quando punidos, alegram-se, como se estivessem recebendo vida; eles são atacados pelos judeus como estrangeiros, e são perseguidos pelos gregos; No entanto, aqueles que os odeiam são incapazes de atribuir qualquer razão para o ódio.<sup>2</sup>

Aristides de Atenas (século II) também descreveu os cristãos como pessoas que vivem “na esperança e expectativa do mundo que há de vir”, que “não dão falso testemunho, [...] e sempre que eles são os juízes, eles julgam retamente” (ROBERTS; DONALDSON; COXE, Vol X, 1997, p. 277).

O testemunho de Aristides mostra que os cristãos tentavam apaziguar seus opressores, tornando-os seus amigos. E descreve assim a comunidade fraterna e aberta que os cristãos formavam:

A falsidade não se encontra entre eles; e eles amam uns aos outros, e das viúvas eles não afastam sua estima; e eles libertam o órfão daquele que o trata com dureza. O que tem dá àquele que não tem, sem contar vantagem. E quando veem um estranho, eles o levam para as suas casas e alegram-se com ele

<sup>2</sup> Carta de 'Mathetes' a Diogneto, capítulo 5. Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/diognetus-lightfoot.html>>. Acesso em: 11 jul. 2018.



como se fosse um irmão próximo [...]. E se ouvem que um deles está preso ou que sofre por causa do nome do seu Messias, todos eles ansiosamente ministram à sua necessidade, e se é possível resgatá-lo, eles o libertam. E se houver entre eles algum que é pobre e necessitado, e se eles não têm comida de reserva, eles jejuam dois ou três dias, a fim de suprir ao necessitado em sua falta de alimentos (ROBERTS; DONALDSON; COXE, Vol X, 1997, p. 277.).

## Conclusão

A epístola aos Hebreus mantém *solus Christus*, a crença de que Jesus é o único mediador entre Deus e a humanidade e de que não há salvação através de nenhum outro. No entanto, o silêncio de Hebreus com relação à salvação das pessoas que nunca ouviram o evangelho abre possibilidades para posições diversas, como um exclusivismo mais moderado, ou um tipo de inclusivismo mais cristocêntrico.

Ao tratar como heróis da fé e exemplos de servos de Deus pessoas que viveram na era pré-messiânica, Hebreus reconhece a diversidade da revelação divina – Deus falou com “pagãos”. No entanto, em Hebreus, Jesus é a revelação máxima e definitiva de Deus, e não há salvação à parte dele.

Ao enfatizar os peregrinos, estrangeiros, a hospitalidade, ao expor a perseguição religiosa sofrida pelos primeiros cristãos, e ao pedir que os cristãos “esforcem-se para viver em paz com todos” (Hb 12.14), Hebreus também apontam para a pluralidade cultural, a tolerância e o inclusivismo religioso. Assim, a tensão entre a exclusividade soteriológica e o caráter tolerante e inclusivo exigido dos cristãos na Epístola aos Hebreus pode ser muito bem descrita através do conceito de *exclusivismo aberto*, de Brakemeier.

## Referências

- BLACK, Matthew. **The Scrolls and Christian Origins: Studies in the Jewish Background of the New Testament.** New York: Charles Scribner’s Sons, 1961.
- BRAATEN Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). **Dogmática cristã.** vol. 1. São Leopoldo: Sinodal, 1990.
- BRAKEMEIER, Gottfried. Fé cristã e pluralidade religiosa - onde está a verdade? **Estudos Teológicos**, v. 42, n. 2, 2002, p. 23-47.
- BROWN, Raymond E.; MEIER, John P. **Antioch and Rome: New Testament Cradles of Catholic Christianity.** Mahwah: Paulist Press, 1982.
- CAHNMAN, Werner Jacob. **Jews and Gentiles: A Historical Sociology of Their Relations.** New Brunswick: Transaction Publishers, 2004.
- CHRISTIAN, Ed. Responding to Relativism, Humanism, and Religious Pluralism in the Secular University. **Journal of the Adventist Theological Society**, vol. 10, n. 1-2, 1999, p. 441-458.



- CLENDENIN, Daniel B. **Many Gods, Many Lords**. Grand Rapids: Baker Books, 1995.
- D'ACOSTA, Gavin. Other Faiths and Christianity. In: McALISTER, Alister E. (ed.). **Blackwell Encyclopedia of Modern Christian Thought**. Malden: Blackwell, 1993.
- DAHMS, John V. The First Readers of Hebrews. **Journal of the Evangelical Theological Society**, vol. 20, n. 4, 1977. p. 365. Disponível em: <[http://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/20/20-4/20-4-pp365-375\\_JETS.pdf](http://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/20/20-4/20-4-pp365-375_JETS.pdf)>. Acesso em 17 set. 2018.
- DOUKHAN, Jacques. **Israel and the Church: Two Voices for the Same God**. Peabody: Hendrickson, 2002.
- \_\_\_\_\_. **The Mystery of Israel**. Hagerstown: Review and Herald, 2004.
- ELLINGWORTH, Paul. **The Epistle to the Hebrews: A Commentary On the Greek Text**. The New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.
- GOODMAN, Martin. Diaspora Reactions to the Destruction of the Temple. In: DUNN, James D. G. (ed.) **Jews and Christians: The Parting of the Ways, A.D. 70 to 135**. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.
- KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia**. Volume único. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **God in the Dock**. Grand Rapids: Eerdmans, 1970.
- McDERMOTT, Gerald R. **Can Evangelicals Learn from World Religions?** Downers Grove: InterVarsity Press, 2000.
- PANIKKAR, Raimon. A Christophany for our times. **Theology Digest**, vol. 39, n. 1, p. 3-21, 1992.
- \_\_\_\_\_. Hinduísmo e cristianismo. In: FEDERICI, T. et alii, **Ecumenismo das religiões: O catolicismo obrigado a sair do seu gueto**. Petrópolis: Vozes. 1971 (1971b).
- \_\_\_\_\_. Toda religião autêntica é caminho de salvação. In: FEDERICI, T. et alii, **Ecumenismo das religiões: O catolicismo obrigado a sair do seu gueto**. Petrópolis: Vozes. 1971 (1971a).
- PINNOCK, Clark H. An inclusivist view. In: OCKHOLM, Dennis L.; PHILLIPS, Timothy R. (eds.). **Four Views on Salvation in a Pluralistic World**. Grand Rapids: Zondervan, 1995, p. 93-123.
- \_\_\_\_\_. **A Wideness in God's Mercy: The Finality of Christ in a World of Religions**. Grand Rapids: Zondervan, 1992.
- RICHARDSON, Don. **Eternity in Their Hearts**. New York: Regal Books, 1981.
- \_\_\_\_\_. **O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas por todo o mundo**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James; COXE, A. Cleveland. (eds.). **The Ante-Nicene Fathers: translations of the writings of the Fathers down to A.D. 325**. 8 vols. Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997.
- RODRIGUEZ, Ángel Manuel. Religiões mundiais e salvação: ponto de vista adventista. In: BRASIL DE SOUZA, Elias (ed.). **Teologia e metodologia da missão**. VIII Simpósio bíblico-teológico Sul-americano. Cachoeira: CePliB, 2011, p. 325-342.
- STRONG, Augustus H. **Systematic Theology**. Valley Forge: Judson, 1907.



WHITEHOUSE, Jerald. Communicating Adventist Beliefs in the Muslim Context. **Journal of Adventist Mission Studies**, vol. 2, n. 2, 2006, p. 69-88.

\_\_\_\_\_. Muslim Peoples. In: BAUMGARTNER, Erich W. (ed.). **Re-Visioning Adventist Mission in Europe**. Berrien Springs: Andrews University Press, 1998, p. 97-105.

ONG, Joseph H. Anonymous Christians: Karl Rahner's Pneuma-Christocentrism and na East-West Dialogue. **Teological Studies**, vol. 55, n. 4, 1994, p. 609-637. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/004056399405500401>>. Acesso em: 11 dez. 2018.